

Por uma interdisciplinaridade radical: desafios da pós-graduação em ciências humanas e sociais aplicadas

DOI: <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2024.v16i2.19262>

Submissão: 26/04/24
Aprovação: 27/06/24

ALVARO D'ANTONA – Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1710-6277>

EDUARDO JOSÉ MARANDOLA JR. – Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7209-7735>

ROBERTO DONATO SILVA JR. – Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9101-7048>

Palavras-chave:

Tautologia disciplinar;
Epistemologia das Ciências Humanas;
Faculdade de Ciências Aplicadas.

Keywords:

Disciplinary tautology;
Epistemology of Human Sciences;
School of Applied Sciences.

Palabras clave:

Tautología disciplinaria;
Epistemología de las Ciencias Humanas;
Facultad de Ciencias Aplicadas.

Resumo

Programas de pós-graduação interdisciplinares geralmente se constituem em torno de temas tratados multidisciplinarmente. Buscamos, a partir da construção do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA), da Unicamp, refletir sobre um modelo alternativo de interdisciplinaridade, as formas de sua aplicação e os seus desafios. Aprovado em 2013, o ICHSA propõe uma interdisciplinaridade radical, o esforço de dar um “passo atrás” na divisão disciplinar das ciências humanas e sociais para mirar problemas de forma mais abrangente, devolvendo a multidimensionalidade aos fenômenos. Tal ponto de partida levou a estruturação de um eixo de disciplinas que leva os ingressantes da desconstrução à reconstrução de seus objetos de pesquisa. Apesar dos desafios de execução da proposta, tais como expectativas de agências de avaliação; pressões internas no sentido de soluções pragmáticas para conformar a interdisciplinaridade a um raciocínio disciplinar; resistências inerentes ao processo de desconstrução-reconstrução dos objetos das pesquisas durante o mestrado; em dez anos de existência, o ICHSA tem mostrado seu potencial como proposta formativa que, em sua multiplicidade, sinaliza para os limites disciplinares e as possibilidades de reconstruções a partir dos problemas de investigação trazidos pelos estudantes.

Towards a radical interdisciplinarity: challenges of postgraduate studies in human and applied social sciences

Abstract

Interdisciplinary postgraduate programs are generally built around themes treated in a multidisciplinary manner. We aim, based on the establishment of the Interdisciplinary Master's Degree in Applied Human and Social Sciences (ICHSA) at Unicamp, to reflect on an alternative model of interdisciplinarity, its application forms, and its challenges. Approved in 2013, ICHSA proposes radical interdisciplinarity, the effort to take a “step back” in the disciplinary division of human and social sciences to examine problems more comprehensively, restoring multidimensionality to phenomena. This starting point led to the structuring of a discipline axis that guides students from deconstruction to the reconstruction of their research objects. Despite the challenges of implementing the proposal, such as expectations from evaluation agencies; internal pressures toward pragmatic solutions to align interdisciplinarity with disciplinary reasoning; and inherent resistances in the process of deconstruction-reconstruction of research objects during the master's degree; over ten years of existence, ICHSA has demonstrated its potential as a training proposal that, in its diversity, highlights disciplinary boundaries and the potential for reconstruction based on research problems raised by students.

Hacia una interdisciplinariedad radical: desafíos del posgrado en ciencias humanas y sociales aplicadas

Resumen

Los programas de posgrado interdisciplinarios generalmente se basan en temas tratados de manera multidisciplinaria. Buscamos, a partir de la construcción de la Maestría Interdisciplinaria en Ciencias

Humanas y Sociales Aplicadas (ICHSA) de la Unicamp, reflexionar sobre un modelo alternativo de interdisciplinariedad, las formas de su aplicación y sus desafíos. Aprobada en 2013, ICHSA propone una interdisciplinariedad radical, el esfuerzo de dar un “paso atrás” en la división disciplinaria de las ciencias humanas y sociales para mirar los problemas de manera más integral, devolviendo la multidimensionalidad a los fenómenos. Este punto de partida condujo a la estructuración de un eje de disciplinas que lleva a los participantes desde la deconstrucción hasta la reconstrucción de sus objetos de investigación. A pesar de los desafíos de implementar la propuesta, como las expectativas de las agencias de evaluación; las presiones internas hacia soluciones pragmáticas para adaptar la interdisciplinariedad al razonamiento disciplinario; y las resistencias inherentes al proceso de deconstrucción-reconstrucción de objetos de investigación durante la maestría; en diez años de existencia, el ICHSA ha mostrado su potencial como propuesta formativa que, en su multiplicidad, apunta a los límites disciplinares y a las posibilidades de reconstrucción a partir de problemas de investigación planteados por los estudiantes.

Introdução

Idealizada nos primeiros anos do século XXI em resposta à demanda do Governo de São Paulo por aumento da oferta de vagas nas universidades estaduais paulistas (Ferreira, 2018), a Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) começou suas atividades no ano de 2009 representando um aumento de 17% nas vagas do vestibular da Unicamp (Schulz *et al.* 2017). Unidade-*campus*, não-departamental e multi-cursos, a FCA se colocou como uma novidade para a Unicamp.

Com clara inspiração no modelo adotado pela Universidade da Califórnia no campus Merced no início dos anos 2000 (Desrochers, 2011), o desenho trouxe à Unicamp o desafio de operacionalizar a ideia de interdisciplinariedade. Contudo, enquanto na Califórnia a implementação da nova unidade partiu da chegada do corpo docente (2003) para formação de laboratórios e de projetos de pesquisa, e posterior início da pós-graduação (2004) e da graduação (2005), a chegada dos primeiros docentes à FCA se deu de forma concomitante com o início do primeiro semestre de oito cursos de graduação implementados em 2009. Somente após o início das atividades de graduação é que os docentes passaram paulatinamente a constituir laboratórios de pesquisa e a estruturar programas de pós-graduação. Tal se relaciona diretamente ao cronograma da FCA para contratações de seus docentes, o qual se orientou pelo ingresso anual de estudantes de graduação até a formatura das primeiras turmas: em 2009 existiam 12 docentes e 480 discentes; em 2015, 90 docentes e cerca de 2000 discentes.

A ideia da interdisciplinariedade se constituiu na graduação a partir da reunião de docentes em torno de cursos de administração, engenharia e da saúde, e da existência de uma grade curricular com disciplinas compartilhadas por estudantes de cursos de uma mesma área (por exemplo, disciplinas comuns aos cursos da área da saúde) e por disciplinas do Núcleo Geral Comum (NGC), obrigatórias a todos os estudantes.¹ Ou seja, a interdisciplinariedade poderia ter expressão pelo compartilhamento de disciplinas entre alunos de todos os cursos, pela heterogeneidade do corpo docente e pela própria forma de composição não-disciplinar dos componentes curriculares, sobretudo pela centralidade do NGC.

Durante o período de implementação da faculdade, os desafios de construção de uma unidade com vocação interdisciplinar em uma universidade com estrutura disciplinar (Schulz *et al.* 2017) se somaram àqueles decorrentes da pluralidade de visões de universidade (Ferreira, 2013). Tais visões oscilaram desde a defesa do formato de “college” até a urgência da adequação da FCA às missões de ensino, pesquisa e extensão – como se dá em qualquer unidade da Unicamp. Do mesmo modo, a pluralidade de visões sobre a interdisciplinariedade, seus significados e lócus se colocaram. Onde poderiam estar as práticas interdisciplinares? Nas salas de aula, por meio da convivência de docentes e discentes de áreas e cursos diferentes? Nos Centros de Pesquisa em formação? Na extensão, sobretudo aquela desenvolvida por estudantes engajados em organizações estudantis (Schulz *et al.* 2017)?

Ao longo de seus primeiros anos, a organização não departamental de docentes de distintas áreas do saber teve efeito positivo no debate multidisciplinar e na consequente incorporação do discurso da interdisciplinariedade também na pesquisa e na pós-graduação. A pesquisa foi organizada em torno de Centros e de Laboratórios, geralmente conformados por determinadas disciplinas ou por grandes áreas do saber. O grande número de linhas de pesquisa acabou por influenciar o desenho de programas de pós-graduação que, de certo modo, correspondiam à necessidade de acomodar distintos interesses e vocações dos docentes.

Segundo um planejamento estratégico que previa a combinação de programas nas três grandes áreas de atuação da FCA (Saúde, Engenharia e Administração) a pelo menos um programa declaradamente interdisciplinar nos termos reconhecidos pela CAPES, três programas de pós-graduação foram desenvolvidos e implementados nos

¹ Optamos por utilizar nomenclatura atualmente vigente. Na criação da FCA, existiam quatro cursos de gestão (Gestão do Agronegócio, Gestão de Comércio Internacional, Gestão de Empresas e Gestão de Políticas Públicas) que constituíam a área de conhecimento da Administração. Em 2013, tais cursos foram substituídos pelo curso de Administração e pelo curso de Administração Pública. Até 2012, o Núcleo Geral Comum era denominado como Núcleo Básico Geral Comum.

D'Antona, Marandola Jr. e Silva Jr.

primeiros anos da FCA: Em 2011, teve início o curso de mestrado em Ciências da Nutrição, Esporte e Metabolismo (CNEM), proposta interdisciplinar em área disciplinar da CAPES, com docentes de diferentes disciplinas na área de Saúde. Em 2013, o mestrado em Pesquisa Operacional (PO), proposta interdisciplinar em área disciplinar da CAPES, envolvendo docentes do Núcleo de Ciências Exatas, de Engenharia e de Administração. Em 2014, teve início o mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA), primeiro na área interdisciplinar da CAPES da unidade, reunindo docentes de todas as áreas da FCA, com predomínio de docentes do Núcleo Geral Comum.

Nesse quadro, o mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas foi parte de uma estratégia institucional coletivamente definida pelos docentes da FCA para a constituição da interdisciplinaridade. Na pós-graduação, o ICHSA se apresentou como o canal para a integração de docentes de distintos cursos e áreas do saber e para a recepção de um alunado egresso de um amplo espectro de cursos de graduação.

Partindo dessa breve reconstituição, o presente texto se abre para a reflexão acerca da aplicação do conceito de interdisciplinaridade, das formas de sua aplicação na proposta de mestrado aprovada pela CAPES em 2013 e dos seus desafios na perspectiva interinstitucional (nos diálogos com as agências de avaliação e de financiamento) e intra-institucional (nos recortes da FCA e da Unicamp). Afinal, apesar do ICHSA ter sido uma peça pragmaticamente constituída como um dos elementos de estímulo à interdisciplinaridade na faculdade, a semente interdisciplinar que tal peça continha em sua proposta original era tudo menos pragmática: em lugar de promover a interdisciplinaridade pela integração de campos disciplinares constituídos, pretendemos dar “um passo atrás” na história da divisão disciplinar nas Ciências Humanas e Sociais para mirar problemas de forma mais abrangente; em lugar de eleger um tema ou problema único em torno do qual diferentes olhares disciplinares se voltariam, como delineado no Documento da Área Interdisciplinar da própria CAPES, buscamos formas de atuar na construção de objetos não disciplinados por campos já constituídos e consagrados, ou seja, partindo das demandas do fenômeno estudado e não dos pressupostos de cada disciplina científica.

Essa perspectiva que orientou a construção do ICHSA pode ser compreendida como uma interdisciplinaridade radical, no sentido de raiz, expressa no nosso esforço de dar o “passo atrás”. Essa interdisciplinaridade radical apresenta traços daquilo que tem se discutido como transdisciplinaridade, pois não se trata simplesmente de uma articulação entre campos distintos em prol do tratamento de uma mesma problemática, mas de não orientar a investigação pelos campos estabelecidos, como uma transcendência em relação a eles (Klein, 1996; 2014). Além disso, o forte sentido aplicado que envolve diferentes atores sociais na elaboração e no enfrentamento dos problemas tratados no âmbito do programa também sugere a possibilidade de pensar a orientação buscada como transdisciplinar (Renn, 2021).

No entanto, nosso objetivo neste artigo não perpassa o debate das vertentes e perspectivas da interdisciplinaridade (como campo ou conceito), mas buscamos, a partir da construção teórico-prática do programa, estimular a reflexão acerca da formação na pós-graduação orientada a problemas, em direção à superação da tautologia disciplinar que marca a história das disciplinas e das relações multi-inter-trans disciplinares.

Um passo atrás na disciplinaridade: Ciências Humanas e Sociais como Conhecimento Interdisciplinar

O desenho do ICHSA é oriundo de diversos condicionantes, internos e externos, os quais implicam determinados posicionamentos em relação a situações que são, em alguma medida, históricas e circunstanciais ao mesmo tempo.

Entre as condicionantes externas, o início dos anos 2000 foi marcado por um processo continuado de expansão universitária, com novas instituições sendo constituídas de maneira ampla no país. A FCA é parte disso, buscando a construção de uma nova unidade com a marca do contemporâneo: a interdisciplinaridade, implicando tanto um desenho teórico, quanto uma organização prática.

No que se refere ao desenho teórico, ela não difere muito de outras iniciativas interdisciplinares, apontando para a necessidade de uma formação diversa e geral, com articulações de diferentes perspectivas disciplinares para o enfrentamento de temáticas e questões complexas. Do ponto de vista prático, o principal seria a ausência de departamentos e uma composição curricular cuja centralidade está no NGC.

No âmbito externo, ainda, é fundamental situar que a Área Interdisciplinar (antiga área Multidisciplinar) é, historicamente, a maior e mais dinâmica área da CAPES tanto em número de programas quanto na sua diversidade e ritmo de crescimento. Os primeiros anos dos anos 2010 foram de crescimento acelerado, com 40 a 60 programas aprovados a cada ano.

A Unicamp, por outro lado, tem um histórico de valorização de práticas interdisciplinares, tanto pela presença dos ciclos básicos de formação comum na graduação, quanto por um robusto sistema de Centros e Núcleos

D'Antona, Marandola Jr. e Silva Jr.

Interdisciplinares – 21 unidades à parte das faculdades e institutos voltados para a investigação cultural, científica, tecnológica e prestação de serviços, nas quais a articulação entre áreas seria formada a partir de temas/problemas em comum assumindo, portanto, características interdisciplinares (COCEN, s.d.).

Esta é a mesma lógica que conduziu, ao longo dos anos, a constituição do campo interdisciplinar na CAPES, conforme amplamente documentado nos documentos de área: “A interdisciplinaridade se baseia na integração de duas ou mais áreas de conhecimento, trabalhando nas interfaces das áreas, portanto” (DOCUMENTO APCN/CAPES, p. 4). Versões desta concepção se solidificaram na área, compreendendo-se assim a interdisciplinaridade como a articulação de disciplinas em torno de problemas comuns.

O ICHSA, no entanto, não foi constituído a partir de tais premissas.

Internamente, como já mencionado, caberia ao ICHSA ocupar um lugar estratégico para a articulação da interdisciplinaridade na FCA (em articulação com o próprio NGC). Para a consecução desse propósito, a composição do corpo docente pré-existente e a organização da FCA motivaram a busca por outra maneira de compor um programa interdisciplinar naquele contexto. A base do corpo docente em torno da proposta trabalhava no NGC, o qual, na ocasião, centralmente oferecia disciplinas de “Humanas e Sociais” para estudantes de outras áreas e, na pesquisa, se organizava em torno de laboratórios subordinados ao Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHS). Assim, o primeiro problema a enfrentar foi que a composição dos proponentes envolvia ao mesmo tempo interdisciplinaridade interna (economistas, geógrafos, antropólogos, filósofos, sociólogos) mas, de maneira destacada, implicava um sentido de articulação que gerava uma identificação frente às outras áreas (saúde, engenharia e administração), que facilmente nos reconheciam como um conjunto ou unidade.

Este reconhecimento interno-externo traz a questão da autonomia-identidade, problema inerente ao próprio advento das Ciências Humanas na virada do século XIX para o XX: o movimento de diferenciação em relação às ciências da natureza, praticamente simultâneo a um processo de fragmentação interna, na medida em que cada nova ciência forja para si seus objetos, métodos e categorias.

A proposta do programa parte deste impasse congênito da constituição das Ciências Humanas e Sociais: os tensionamentos e disputas em torno da identidade das disciplinas (o que implica interdisciplinaridade “intramuros”) e suas múltiplas relações com as outras grandes áreas (interdisciplinaridade “além-muros”). As propostas de interdisciplinaridade correntes, seja a interna da Unicamp, seja a externa da área interdisciplinar da CAPES, nos pareciam não problematizar tal tensionamento, partindo de uma perspectiva pragmática que naturaliza o processo de constituição das ciências e sua consequente fragmentação, propondo-se ao enfrentamento dos fenômenos sem colocar em questão o próprio fazer. Dito de outra forma, faltava, em nossa avaliação, uma problematização epistemológica e histórica da disciplinarização. Por isso, antes de partir para a proposta de soluções de problemas concretos por meio da reunião de uma ou mais disciplinas, nos pareceria fundamental dar o “passo atrás”, problematizar a naturalização da forma de se fazer as perguntas e, com isso, desestabilizar os alinhamentos de construção das ciências modernas: objeto, método e categorias (Marandola Jr., 2020).

Para isso, seria necessário reconhecer as Ciências Humanas e Sociais como um campo, no sentido de Bourdieu (1976), remetendo às articulações de construção do conhecimento, em suas disputas e compartilhamento, e aprofundando-se em uma espécie de arqueologia (ou genealogia) do campo, visando a desconstrução das identidades disciplinares que promovem a alergia mútua entre si.

Isso foi provocado e, ao mesmo tempo, coaduna com o desenho da pluralidade de docentes da FCA, com convergência para uma proposta articulada com pesquisa e ensino. As distintas formações e atuações dos docentes em torno da proposta garantiam com confortável margem a composição multidisciplinar requerida pela CAPES (menos de 60% do corpo docente permanente com formação ou titulação em uma mesma área disciplinar, e menos de 80% do corpo docente permanente com formação ou titulação em uma única Grande Área). O ICHSA se constituiu com docentes dos cursos da Área de Saúde (Nutrição e Ciências do Esporte), da Engenharia (Engenharia de Manufatura e de Produção) e da Administração (de Empresas e Pública), além dos docentes do Núcleo Geral Comum (Schulz *et al.* 2017). Isto deve também ser entendido como um aspecto importante para o enquadramento da proposta na chave das ciências aplicadas e para a desejada comunicação interna entre subconjuntos de docentes que já se articulavam em distintos cursos de graduação e de pós-graduação, protegidos em distintos laboratórios.

Ainda que diversa, a pluralidade de vozes dos docentes não daria conta do desafio interdisciplinar que se colocava, principalmente em sala de aula, e não bastaria para a construção de projetos integradores. Primeiro, a pluralidade por si só não garantiria o diálogo entre os docentes. Segundo, a pluralidade não cobria escopo suficientemente amplo de campos de atuação – levando em conta as formações disciplinares dos docentes. Para responder ao primeiro, foram definidos mecanismos como a obrigatoriedade de designação de dois professores responsáveis por cada turma e a exigência de dois orientadores (um orientador e um co-orientador) para cada estudante. Para responder ao segundo, havia a expectativa de que a diversidade do corpo discente seria decisiva para os diálogos dentro e fora da sala de aula.

A expectativa de constituição de um corpo discente diverso em termos de disciplinas, grandes áreas do conhecimento, e de regiões do país, associada à suposição de que dificilmente os candidatos teriam projetos interdisciplinares como o idealizado pelo Programa, motivou o desenho de um processo seletivo sem prova de conhecimentos específicos; com exigência de uma proposta de pesquisa com potencial interdisciplinar (ou seja, para além da tautologia disciplinar) e não de um projeto tradicional; e com uma prova de inglês em torno de artigo científico sobre a interdisciplinaridade.

Consequentemente, a estruturação do conteúdo das disciplinas do programa se deu ao longo de um eixo de disciplinas obrigatórias que deveria levar desde a desconstrução da proposta original dos candidatos aprovados até a reconstrução de seus objetos interdisciplinares. Do ponto de vista prático-pedagógico, o Programa foi estruturado a partir de cursos que não seriam identificados a determinados docentes e suas linhas de pesquisa, mas que teriam que abordar temáticas nas disciplinas eletivas e que realizar o trabalho de desconstrução-reconstrução nas disciplinas obrigatórias. Estas, fundamentais para a proposta, foram assim delineadas:

- “Ciências humanas e sociais como conhecimento interdisciplinar” (CH001): a disciplina foi concebida para revisitar a formação das Ciências Humanas e Sociais, no momento de sua concepção nos séculos XVIII e XIX, visando demonstrar as diferentes narrativas de sua constituição. O propósito é desnaturalizar os arranjos disciplinares, indicando os componentes políticos e históricos que foram arrolados e forjados para criar as distintas disciplinas e como este desenho resultou na crescente fragmentação do conhecimento assistido ao longo do século XX. A partir desta base, a disciplina se direciona para os esforços de religação e de questionamento da crescente especialização que são evocados como resultado do próprio processo de constituição das Ciências Humanas e Sociais, reforçando a ideia de que elas, em um conjunto, constituem um grande campo de atuação interdisciplinar.
- “Relações Estado-Sociedade no mundo contemporâneo” (CH002): Este curso tem como propósito oferecer um quadro histórico-social no qual as problemáticas investigadas pelos estudantes recebem uma dimensão política, no atravessamento das formas de construção do conhecimento e as estruturas sociais.
- “Construção e tratamento de problemas em ciências humanas e sociais” (CH003): A disciplina visa discutir o “como” fazer, dada a quebra da prevalência das disciplinas científicas como caminhos a priori para o conhecimento (realizado na CH001), e problematizar as dificuldades inerentes à construção e ao tratamento de problemas interdisciplinares. Se na CH001 a historicidade e a institucionalidade das ciências foram colocadas em questão, neste curso o objetivo é demonstrar que as estratégias metodológicas também constituem a tautologia disciplinar, fazendo parte da identificação das disciplinas científicas. Fazer uma pesquisa interdisciplinar envolve, portanto, desnaturalizar as conexões naturalizadas entre temas, objetos científicos e metodologias de enfrentamento, promovendo deslocamentos múltiplos, inclusive de desidentificação de práticas metodológicas com suas respectivas disciplinas científicas.
- “Metodologia científica: seminários de dissertação” (CH004): após um primeiro ano de desconstruções e o esforço pedagógico de desnaturalizar as identidades disciplinares dos estudantes, esta disciplina tem como propósito contribuir para a construção das pesquisas, partindo dos problemas/fenômenos em estudo, visando o redesenho das questões de pesquisa dos estudantes de um ponto distinto da formação disciplinar, partindo dos problemas/fenômenos.

Nota-se, por esta estrutura curricular, que a interdisciplinaridade não é o objeto do programa. O exercício interdisciplinar não é centrado em um tema ou problema, nem em um conjunto de objetos pré-definidos por disciplinas, campos ou áreas disciplinares. Evitou-se a subordinação da proposta a algum campo (ainda que amplo) ou tema, o que se refletiu inicialmente na definição de uma Área de Concentração até certo ponto genérica e que não implicava qualquer identificação disciplinar. Somente diante de dificuldades oferecidas pela CAPES, e diante do quadro de cursos de graduação (particularmente o Núcleo Comum da Área de Administração), conformamos à proposta à área de concentração “Modernidade e Políticas Públicas”, visando oferecer ao mesmo tempo um horizonte abrangente de problematização (Modernidade) e um horizonte igualmente abrangente (não disciplinar) de prática.

A interdisciplinaridade na proposta do mestrado foi compreendida, portanto, como um fazer, como uma maneira de promover trânsitos e refundar perguntas que não estejam, necessariamente, limitadas pelas estruturas discursivas e históricas das ciências consolidadas, um processo de desconstrução pela desnaturalização do conhecimento (Moran, 2010). Por isso é fundamental a compreensão das Ciências Humanas e Sociais como um campo, ou seja, um espaço comum de construção dos problemas, e não apenas de busca de soluções a partir de conceitos e metodologias “nativos” de cada disciplina. A indisciplinaridade parece, aqui, tão importante quanto a disciplinaridade, sem a criação de dicotomias entre elas.

Nesse sentido, a proposta do ICHSA teve por premissa a necessidade de recomposição ontológica da multidimensionalidade dos fenômenos, o que nos leva à reflexão sobre a interdisciplinaridade radical, particularmente no que possa elucidar nossa perspectiva para o enfrentamento dos limites disciplinares.

Interdisciplinaridade radical ou paradigmática

Na constituição dos grandes campos científicos “ciências da natureza” e “ciências humanas e sociais” do século XIX, bem como no processo subsequente de profusão disciplinar, foram muitos os procedimentos amplos de transição e articulação de tratamentos díspares entre temas e áreas de conhecimento. Ao Darwin fundador de biologia moderna (Darwin, 1985), antecedeu-o um Darwin naturalista (Darwin, 2008) que, ao transitar pelo Beagle mundo afora, se propunha descrever, em um mesmo tratamento analítico, aspectos geológicos, climáticos, biológicos e socioculturais dos lugares em que aportava. Ao Marx proposito de uma nova economia política, se antecipou um Marx filósofo e jornalista, articulador profícuo entre a economia inglesa, o socialismo francês e a metafísica alemã. Do mesmo modo, a visão “cosmológica” de Humboldt precedeu a sistematização do que conhecemos como geografia (Humboldt, 1851).

Essa interdisciplinaridade de “ponto de partida”, parteira de disciplinaridades, talvez encontre em Durkheim a atuação mais bem acabada de formulação especializante. Seu trabalho clássico de organização do método sociológico (Durkheim, 1978) não teria sido bem-sucedido se, no seu bojo, não estivesse o esforço de depuração de determinados fenômenos enquanto meramente “sociais”, tal como em “O Suicídio” (Durkheim, 2000). Ao reduzir a dimensão biológica e psicológica das práticas suicidas, o autor enfim pode disciplinar e coadunar uma estrutura epistemológica e metodológica ao redimensionamento do estatuto ontológico do suicídio.

A este processo de depuração, no qual os exemplos acima nos servem de ilustração para um movimento geral de constituição científica da disciplinaridade, seguiu uma tendência especializante no bojo das Ciências Humanas e Sociais. A partir das décadas de 1960 e 1970 é possível identificar o aparecimento de iniciativas de rompimento do esforço de depuração em prol de um movimento epistemológico de reaproximação de campos disciplinares, ou simplesmente uma guinada à interdisciplinaridade (Silva Junior e D'Antona, 2014). Esse movimento se configurou, *grosso modo*, em dois sentidos de articulação: 1) a constituição de uma interdisciplinaridade temática, no qual o tratamento de um tema de pesquisa passa a ser abordado por diferentes especialistas, independente do grau de interação entre eles, como por exemplo, o “Direitos Humanos”, “Desenvolvimento” e “Políticas Públicas” (Gulbekian, 1996); 2) uma interdisciplinaridade de aproximação bilateral entre disciplinas para o tratamento de um tema de interesse (economia ecológica, agroecologia dentre outras).

Nosso entendimento é de que exercícios interdisciplinares reconhecidos aqui como “temáticos” e “bilaterais”, ainda que bem-sucedidos para o tratamento de problemas contemporâneos, estão limitados à articulação epistêmica e metodológica entre diferentes disciplinas e abordagens. Neste sentido, estes não rompem a lógica disciplinar de constituição dos grandes campos de conhecimento nem com o movimento clássico das diferentes ciências contidas nesses campos.

Para além de um debate de fundo sobre o *modus operandi* das ciências e disciplinaridades a elas articuladas, essas limitações têm implicações práticas na constituição de pesquisas que se pretendem interdisciplinares. Principalmente, no que se refere ao alcance de sua efetividade para apresentação de soluções para além do que as disciplinaridades são capazes de produzir. Ou seja, sem o desenvolvimento de um trabalho de recomposição ontológica da multidimensionalidade dos fenômenos, bem como da articulação entre eles, tais pesquisas se constituem, no máximo, em procedimentos de uma disciplinaridade ampliada entre campos já disciplinados.

Estas limitações talvez apresentem um lócus privilegiado de atenção, que se manifesta na formulação prática dos problemas de pesquisa. Tornou-se recorrente nos estudos científicos, teses e dissertações a constituição de um problema de pesquisa porque este poderia “enriquecer o debate de uma disciplina” ou porque tal enfoque é “uma lacuna em determinado campo de pesquisa”.

Nesse sentido, muito da constituição desses estudos tem se orientado a formular problemas de pesquisa que respondem mais ao anseio de conformação e legitimação de campo e seus pares, do que a abertura para a formulação de problemas a partir das dinâmicas sociais, políticas e/ou ambientais de nosso tempo. O reforço e reprodução da lógica disciplinar pode ter um lócus privilegiado de produção na constituição de problemas de pesquisa endógenos (ou seja, auto-referentes ao debate acadêmico).

Assim, entre as imagens do naturalista (de olhar amplo e continuado para não apenas os diferentes fenômenos, mas também à multidimensionalidade dos próprios fenômenos) e do especialista (cioso pelo recorte para a conformação à uma devida estruturação epistêmico-metodológica), um exercício de dissecação fenomenológica foi operado de forma sistemática e bem sucedida, colocando em curso todos o processo de especialização científica e disciplinar do século XIX.

Quais seriam, portanto, os contornos de constituição epistemológica da interdisciplinaridade cultivada pelo ICHSA, já que o Programa não se ajustou ao modelo “temático” (como por exemplo “Direitos Humanos”) tão comum aos estímulos da Capes, tampouco à ideia de trânsito bilateral entre disciplinas (como por exemplo a “Economia Ecológica”, “Antropologia Ecológica” ou “Ecologia Política”)? E porque a não adesão do ICHSA a estes modelos, que se constituem em um “passo à frente” da radicalidade disciplinar?

D'Antona, Marandola Jr. e Silva Jr.

Na formulação conceitual original do ICHSA, nos propusemos a enfrentar esses limites disciplinares do fazer interdisciplinar. Avançar para além de uma “interdisciplinaridade disciplinar” (Silva Jr e D'Antona, 2013) implicou em uma estruturação epistemológica daquilo que denominamos como interdisciplinaridade radical ou paradigmática. Quais seriam os elementos de sua constituição? Destacamos aqui, três dimensões possíveis de sua operacionalização:

Em primeiro lugar, ela implica no processo de recomposição do trabalho de depuração ontológica realizado pelos pioneiros e clássicos do século XIX, ou seja, requer devolver a multidimensionalidade aos fenômenos. Um certo retorno à lógica naturalista, que tomava os objetos de conhecimento como em si multidimensionais e em articulação com outros objetos.

Em segundo lugar, o desenvolvimento de problemas de pesquisa desobedientes aos modelos disciplinares de formulação auto-referente da relação tema-problema-pergunta-hipóteses. Manter-se atento aos problemas derivados da dinâmica sociais, políticas e ambientais do nosso tempo pode se configurar em uma fonte inesgotável de respeito e apreensão à multidimensionalidade dos fenômenos.

E, finalmente, em terceiro lugar, a recusa de toda e qualquer pré-formatação do modelo de interdisciplinaridade a ser aplicada nas pesquisas que estão sob a responsabilidade institucional do programa, principalmente ao que se refere à formulação metodológica das propostas de investigação. Nesse sentido, os recursos de pesquisa que devem ser empregados estão sob a constituição de seus respectivos problemas, e não, como é comum em ambientes disciplinares, os problemas se conformarem aos métodos.

Desafios

Por ocasião do décimo aniversário do ICHSA, fizemos o registro do nosso ponto de partida, o que justifica a reflexão daquilo que denominamos como interdisciplinaridade paradigmática ou radical e o seu papel para o delineamento do mestrado. A centralidade do termo decorre do entendimento que a perspectiva pragmática da interdisciplinaridade não supera os limites da disciplinaridade, em especial a tautologia disciplinar inerente à constituição das ciências modernas.

O compromisso do artigo com o “de onde viemos” implica em um passo futuro em direção ao entendimento do “onde estamos”. Para isso, indicamos quatro aspectos a serem explorados em futuras avaliações do alcance da proposta do programa, os quais poderão contribuir para a visão dos desafios em se trilhar o caminho para a interdisciplinaridade radical na pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais.

Em primeiro lugar, as dificuldades no diálogo com as agências de financiamento e avaliação, principalmente em decorrência da dificuldade no enquadramento da proposta em relação ao conjunto de Programas na área interdisciplinar e aos campos e áreas de avaliação e investigação. Na relação com a CAPES, por exemplo, sinalizações constantes para o aprimoramento do programa têm sido relacionadas à necessidade de integração/coesão das pesquisas com os produtos gerados (dissertações, publicações, resultados), o que é evidentemente mais difícil de construção no âmbito da interdisciplinaridade radical/paradigmática.

Em segundo lugar, o *feedback* externo negativo dos indicadores objetivos tem repercussões internas, as quais se traduzem em pressões da Unicamp e, muitas vezes, dos próprios membros do programa, no sentido de soluções pragmáticas para responder aos apontamentos e críticas, ou seja: conformar a interdisciplinaridade a um raciocínio disciplinar é muitas vezes visto com uma ação razoável para êxito em indicadores no curto prazo.

Em terceiro lugar, a tendência disciplinar da experiência e atuação docente. Mesmo entre aqueles que tiveram formação em programas interdisciplinares, a fidelidade a determinados campos e/ou objetos tende a reproduzir as limitações disciplinares que a proposta do programa se propôs a enfrentar. Em sala de aula, os diálogos com dois docentes com formações distintas são potencialmente interessantes – sobretudo quando há discordâncias – mas nem sempre os diálogos transbordam na forma de projetos de pesquisa integradores. Compreender o não transbordamento passa por questões que não são em si o problema, mas que sinalizam o tensionamento que se manifesta em diferentes escalas, inclusive pela convivência de divergentes perspectivas e interesses em torno da construção da proposta interdisciplinar.

Por fim, em quarto lugar, a relativa diversidade de formações e de origens dos discentes. A pluralidade de vozes tem impacto positivo em seus trabalhos, embora o tempo de lidar com a necessária desconstrução (ou desnaturalização) das formações disciplinares nem sempre encontre respaldo nas expectativas pragmáticas de diferentes ordens. De modo geral, discentes trazem insatisfações em relação aos seus campos/disciplinas de origem, mas, em aparente contradição, resistem às provocações disruptivas, tendendo a buscar conforto em modelos disciplinares de interdisciplinaridade. Ou seja, o não enquadramento a determinados cânones disciplinares não tem implicado, necessariamente, na libertação de determinadas amarras na reconstrução de seus objetos de pesquisa, não sendo necessariamente verificado o processo de desconstrução-reconstrução dos objetos de suas pesquisas de forma plena durante o mestrado.

D'Antona, Marandola Jr. e Silva Jr.

Por tais aspectos se depreende que, em termos institucionais, a opção não pragmática pode apresentar preço elevado. Apesar dos desafios, o ICHSA tem mostrado seu potencial como proposta formativa que, em sua multiplicidade, sinaliza para os limites disciplinares e as possibilidades de reconstruções a partir dos problemas de investigação trazidos pelos estudantes. Talvez este seja o caminho que reúna as sinalizações externas, especialmente as da CAPES, como potencialidade para fortalecer estratégias que contribuam para a superação da tautologia disciplinar. Nos referimos, por exemplo, às mudanças nos últimos anos nos processos avaliativos da CAPES, que têm pendido para o qualitativo em relação ao quantitativo, têm produzido alguns deslizamentos que podem favorecer perspectivas radicais, como a idealizada pelo ICHSA.

A centralidade atribuída aos projetos integradores, uma exigência específica da Área Interdisciplinar, pode operar como catalisador de construções articuladoras das dissertações e da participação de diferentes docentes orientados aos problemas, não às tradições de seus campos de atuação. Tais projetos, se gestados no interior desta ecologia própria de saberes criada pelo programa, podem ser a inversão da tautologia disciplinar que delimita, *a priori*, as agendas de investigação.

Trata-se portanto, de uma perspectiva que ultrapassa um programa de formação de quadros, demandando uma outra maneira de organização da articulação entre pesquisadores e de elaboração de arranjos institucionais de pesquisa integrativos para além das disciplinas: características inerentes à FCA. Neste sentido, o desafio alimenta sua própria superação na medida que reconhecer no ICHSA o contexto para a emergência de determinados problemas e proposta de enfrentamento que não estariam necessariamente sendo tratados em programas disciplinares coaduna com o esforço da Área Interdisciplinar em acolher e promover propostas que não se limitem aos cânones metodológicos e teóricos consolidados nas respectivas disciplinas.

As Ciências Humanas e Sociais como campo oferecem um horizonte multifacetado de alternativas teórico-metodológicas que, orientadas pelos problemas contemporâneos, permitem novas abordagens. Para além da sala de aula, as relações entre docentes e discentes podem contribuir para a desconstrução-reconstrução, por exemplo, através de diálogos e parcerias internas e externas, realização de eventos e tantas outras atividades que não são objetos da presente reflexão.

A articulação entre formações, temáticas e tradições de investigação provocam tensionamentos que resultam em novas maneiras de abordar problemas, em um espaço particular de investigação que permite a gestão de pesquisas e pesquisadores que encontrariam dificuldades em ambientes pragmáticos e regidos pela tautologia disciplinar. Essa constante abertura e uma certa base imprecisa (entre docentes, discentes e temas de investigação) é ao mesmo tempo a fragilidade e a potencialidade do ICHSA, o que fortalece a opção inicial pela radicalidade da construção indisciplinada da interdisciplinaridade na proposta construída. Consequentemente, conforme se constroem as relações e os caminhos que a proposição radical oferece (por exemplo, através das dissertações produzidas e dos projetos de pesquisa integradores de docentes) em resposta aos desafios, estes se ressignificam e se abrem a novos olhares, até mesmo sobre as práticas interdisciplinares.

Referências bibliográficas

- BORDIEU, P. **Le champ scientifique**. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris: Ed. du Seuil, 1976.
- CAPES - COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL. **Documento Orientador de APCN: Área 45: Interdisciplinar**. Brasília: CAPES, 2023.
- COCEN – COORDENADORIA DE CENTROS E NÚCLEOS INTERDISCIPLINARES DE PESQUISA. **Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa da Unicamp**. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/centros-e-nucleos>. Acesso em: 25 de abril de 2024.
- DARWIN, C. **A origem das espécies**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.
- DARWIN, C. **Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo** - Vol.1, Nova edição, [1871] 2008.
- DESROCHERS, L. **The Birth of a Research University**: UC Merced, No Small Miracle. Research & Occasional Paper Series: CSHE. 14.11. Center for Studies in Higher Education, 2011.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).
- DURKHEIM, E. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FERREIRA, F., **Regulação local da política de expansão do ensino superior público paulista**: diferentes concepções de universidade no projeto do novo campus da Unicamp em Limeira. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. – Campinas, SP, 2013.
- FERREIRA, F. **Expansão e diferenciação da universidade nos novos campi da USP, da Unicamp e da Unesp**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- Fundação Calouste Gulbenkian. **Para Abrir as Ciências Sociais**. São Paulo, Cortez Editora, 1996.

D'Antona, Marandola Jr. e Silva Jr.

- HUMBOLDT, A. **Cosmos**: essai d'une description physique du monde. (Traduction de M. H. Faye). Troisième partie (Vol. 3). Milan: Charles Turati, 1851.
- KLEIN, J. T. **Crossing boundaries**: knowledge, disciplinarities, and interdisciplinarities. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996.
- KLEIN, J. T. Discourse of transdisciplinarity: looking back to the future. **Futures**, n. 63, p. 68-74, 2014.
- MARANDOLA JR., E. Fenomenologia como abertura para a interdisciplinaridade. **Revista do NUFEN**, v. 12, p. 1-25, 2020.
- MARANDOLA JR., E.; D'ANTONA, A. Quando o interdisciplinar se impõe: as ciências humanas e sociais como campo interdisciplinar. In: **4º CONINTER**: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Foz do Iguaçu: ANINTER. 2015.
- MORAN, J. **Interdisciplinarity**. London: Routledge, 2010.
- RENN, O. Transdisciplinarity: Synthesis towards a modular approach. **Futures**, n. 130, 102744, 2021.
- SCHULZ, P. ; D'ANTONA, A. ; FERREIRA, F. *Sobre as condições internas e externas para a interdisciplinaridade na Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP*. In: Arlindo Philippi Jr; Valdir Fernandes; Roberto C.S. Pacheco. (Org.). **Ensino Pesquisa e Inovação**: Desenvolvendo a Interdisciplinaridade. 1ed. São Paulo: Manole, 2017, v. 3, p. 200-211.
- SILVA JR., R.; D'ANTONA, A. Os métodos mistos e a interdisciplinaridade nas Ciências Sociais: pragmatismo ou pluralismo paradigmático? **Revista Ideias**, v. 4, p. 87, 2014.